

4 OBSERVANDO O COTIDIANO DA CRECHE: CABELO, INFÂNCIA E MÚLTIPLAS VOZES. QUEM DISSE QUE O CABELO DA GENTE NÃO SENTE?

Na pesquisa de campo, realizada de junho de 2014 a março de 2015, estão envolvidas 25 crianças – 8 negras e 17 brancas – que frequentam a sala de aula do berçário, além dos agentes auxiliares de educação infantil e a professora da turma. Na pesquisa, entrevistei mães e avós responsáveis pelos bebês, no Quadro 1 registro os nomes fictícios de dois responsáveis pela mesma criança, que são as mães e as avós.

A cor das crianças foi atribuída pelos profissionais do berçário e também pelos pais dos bebês, o critério utilizado pelos pais e profissionais teve como referência a cor da pele e também a textura do cabelo.

O objeto primário da investigação são oito bebês negros³⁷ e suas interações com os adultos que direcionam as ações do cuidar e do educar na creche. Desse modo, as entrevistas privilegiaram as famílias negras, compostas por mães e avós desses oito bebês³⁸.

Quadro 1 – Apresentação dos bebês negros e de seus responsáveis

Crianças	Idade	Responsável entrevistado
Rita	2 anos	Jucélia (mãe)
Paulo		Marta (mãe)
Daniel		Carmina (avó) e Sandra (mãe)
Dora		Amanda (avó)
Áurea		Ferdinanda (avó) e Anita (mãe)
Ângelo		Bianca (mãe)
Nilza		Inês (mãe)
Eliane		Eduarda (avó) e Benedita (mãe)

Fonte: A autora, 2015.

³⁷ Os bebês negros receberam nomes fictícios para ter sua imagem preservada, assim como os profissionais da creche.

³⁸ No local não são raros os casos de mães e avós que se unem para prover o sustento da casa. Nesse lugar, muitas avós relataram a ausência dos pais, que logo se separam e não assumem a paternidade, deixando para as mulheres a tarefa de educar as crianças. Outro ponto a ser observado é a ausência dos homens na criação dos bebês, fato pelo qual as entrevistas terem sido realizadas apenas com as mulheres, pois elas que iam levar e buscar as crianças da creche. Os homens que buscavam eram avós, tios, havia alguns pais, mas eles se opuseram a dar entrevista.

4.1 Informantes

➤ Educadoras

As entrevistadas são professoras e agentes auxiliares de creche que compõem a equipe de profissionais responsáveis pela educação e pelo cuidado das crianças pequenas.

A primeira entrevistada foi Maria, de 46 anos, que se autocalifica como branca, mas em certos momentos se diz negra ao lembrar a origem racial de sua mãe, que é negra. Ela foi professora dos bebês logo no primeiro contato com a creche, quando eles faziam parte do Berçário 1. Juntamente com a professora, estão suas auxiliares Carla e Karina. A primeira já residiu na favela por anos e se mudou, é funcionária pública, tem 46 anos e traz importantes contribuições para a pesquisa sobre relações raciais. A segunda auxiliar é branca, possui cabelos crespos, tem 36 anos, reside em favela e faz parte de uma cooperativa que emprega moradores da comunidade nas creches.

Os bebês passaram por uma transição de idade e, em 2015, foram para o Berçário 2, onde tiveram uma nova professora e outras três auxiliares que foram entrevistadas. A regente de turma, Débora, é branca, tem 34 anos, é pedagoga e atua há três anos na creche. As suas auxiliares também trabalham há bastante tempo com crianças. A primeira, Angélica, é negra, tem 28 anos, está há anos na mesma creche, já residiu na comunidade e hoje mora em outro local. A agente Janete é branca, tem 27 anos, estuda Pedagogia e vive na comunidade. A última agente, Ruth, é branca, tem 30 anos, é funcionária pública e também vive na comunidade onde trabalha. A diretora, uma mulher branca de 57 anos de idade, fez parte da entrevista e contribuiu para o levantamento das questões sobre infância, cabelo e relações raciais no espaço da creche.

Considerei neste estudo a importância dos pais na construção identitária de seus filhos, pois os ensinamentos recebidos formam o arcabouço cultural da criança. Por essa razão, entrevistei os pais para entender a visão que os responsáveis têm sobre educação infantil, cuidados, a cor da pele e os cabelos dentro do universo infantil.

➤ Pais e responsáveis

Quadro 2 – Caracterização dos responsáveis pelos bebês

Nome	Escolaridade	Idade	Parentesco	Cor (autodeclarada)
Inês	Ensino médio completo	34 anos	mãe	negra
Carmina	Ensino fundamental	45 anos	avó	branca
Marta	Ensino médio completo	40 anos	mãe	negra
Eduarda	Nunca estudou	57anos	avó	parda
Sandra	Ensino fundamental	28 anos	mãe	negra
Amanda	Ensino fundamental	40 anos	avó	branca
Bianca	Ensino superior	21 anos	mãe	parda
Benedita	Ensino médio	20 anos	mãe	parda
Ferdinanda	Nunca estudou	59anos	avó	negra
Jucélia	Ensino médio	28 anos	mãe	negra
Anita	Ensino médio	20 anos	mãe	parda

Fonte: A autora, 2015.

A primeira mãe que aceitou ser entrevistada sempre foi elogiada pela professora Maria por ser uma responsável que estimula sua filha por meio de brinquedos, como bonecas negras. A mãe da menina chama-se Inês, tem 34 anos, possui o ensino médio com formação de professores. A segunda entrevistada é branca, a quem chamo de Carmina, é cozinheira, tem 45 anos, não possui ensino médio completo; cuida da neta que estuda na creche. A terceira entrevistada chama-se Marta, tem 40 anos, possui ensino médio completo. Em seguida, entrevistei Eduarda, negra, 57 anos, avó de um bebê negro; Sandra, 30 anos, mãe de um dos bebês negros observados; Amanda, 40 anos, negra, avó de um dos bebês da creche; Bianca, 21 anos, universitária; Benedita, negra, 20 anos de idade; Ferdinanda, negra, 59 anos, avó; Jucélia, 28 anos de idade, mãe branca; Anita, 20 anos, negra, mãe de um bebê. Todas as entrevistadas são moradoras da favela.

A pesquisa objetivou entender como são tratados os corpos das crianças negras na educação infantil, tendo como principal foco compreender de que maneira a questão do cabelo crespo, enquanto marcador de identidade étnico-racial, é vista/tratada e pensada dentro da creche, considerando que o cabelo é um importante compositor do fenótipo negro. Desse modo, as entrevistas e observações foram utilizadas para pensar as relações raciais na creche através do primeiro contato da criança negra com o ambiente educacional.

4.2 Educadoras e auxiliares

A equipe da creche é composta por funcionários da prefeitura do município e também de uma cooperativa que emprega os moradores da comunidade dentro da escola. O

espaço do berçário possui duas agentes auxiliares de creche, sendo uma servidora do município e a outra terceirizada, além da regente de turma.

Quadro 3 – Profissionais da creche

Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Tempo de exercício da função	Cargo na creche
Maria	46 anos	branca	Ensino normal	2 anos	Professora
Débora	34 anos	branca	Superior completo	2 anos	Professora
Karina	36 anos	parda	Ensino normal	10 anos	Agente auxiliar de creche
Angélica	28 anos	morena	Ensino médio	7 anos	Agente auxiliar de creche
Janete	27 anos	branca	Superior em andamento (Pedagogia)	5 anos	Agente auxiliar de creche
Carla	45 anos	branca	Ensino médio	3 anos	Agente auxiliar de creche
Ruth	30 anos	parda	Superior completo	3 anos	Agente auxiliar de creche
Rosa	50 anos	branca	Superior completo	10 anos	Diretora

Fonte: A autora, 2015.

No trabalho de campo realizado em 2014 observei e entrevistei duas docentes e suas auxiliares. Para dar prosseguimento ao trabalho, continuei as entrevistas com as novas auxiliares e a nova regente de turma que contribuiu brevemente para a pesquisa em decorrência das licenças médicas. Por essa razão, enfatizei mais as entrevistas da primeira professora dos bebês enquanto eles faziam parte do berçário 1, no primeiro ano de ingresso.

A sala do berçário possui uma professora formada há poucos anos e que atuou durante 5 anos como agente auxiliar de creche. A educadora passou por inúmeras creches como agente e estabeleceu-se há cerca de um ano na creche da comunidade. Maria mora próximo ao local e, como já mencionou em diversas ocasiões, é fruto de um casamento inter-racial em que a mãe é negra e o pai é branco. No entanto, apesar de ter os cabelos anelados, ela se considera uma mulher branca por ter a pele mais clara em relação à da sua mãe. A sua visão referente à raça embasa seus sentidos, percepções e ações, pois ela se vê no papel de uma mulher branca que lida no cotidiano escolar com alunos, pais e colegas de trabalho que são negros. Em conversas informais, a professora relatou que alisava os cabelos desde os anos de 1970, já que, quando criança, sua mãe a fazia acreditar na importância de ter cabelos lisos. Durante a infância e a juventude, utilizava o pente quente, relaxamentos e, posteriormente, escova e prancha. Sua família sempre cultivou a ideia de que o negro precisava usar os cabelos lisos e de que seu cabelo sem os métodos de alisamento era ruim. Assim, ela acreditou por décadas que precisava seguir sua trajetória com os cabelos lisos. Num certo momento, mencionou que, ao ingressar na creche, conheceu uma professora que cultivava seus cabelos crespos como ato político. A partir disso, Maria repensou a sua história e o

sentido de alisar os cabelos. Atualmente, usa seus cabelos sem alisamento e realiza um ritual de cuidados, aprendidos através de *blogs* que incentivam o uso do cabelo crespo.

A agente auxiliar de creche terceirizada mora na comunidade e trabalha há dez anos como auxiliar nesse local. Karina sempre fala sobre as histórias da criação do local, funcionários antigos, pessoas que de alguma forma contribuíram para a funcionalidade do ambiente. A funcionária é negra, possui cabelos crespos cultivados com técnicas de relaxamento, quando nos conhecemos ela me perguntou se eu também fazia relaxamento capilar. Nessas ocasiões, eu ressaltava que os meus cabelos eram sem “química” (referindo-me ao processo de alisamento) e que apenas cuidava com tratamentos caseiros. Karina gostava muito de dicas sobre beleza e, em especial, sobre cremes para tratamento. A auxiliar “relaxa” (técnica de alisamento) os cabelos há muitos anos e preza muito que eles estejam baixos, sem volume. Durante algumas situações, ela mostrou repetitivamente que carrega consigo as marcas do racismo que prevalece como estruturador de nossa sociedade. Sua fala relacionada ao cabelo em diferentes momentos tem a oposição “bom e ruim”. Na sala de aula são comuns os assuntos relativos ao cabelo das crianças e dos adultos, o que torna bastante presente as concepções sociais acerca das questões em torno do cabelo e do corpo negro.

A segunda agente auxiliar, Carla, é funcionária do município, uma mulher branca, que já morou na comunidade. A agente é concursada há poucos anos e trabalhou como vendedora anteriormente. Ela é sempre muito alegre e gosta de realizar brincadeiras com os bebês, gosta também de penteá-los e ressalta nesses momentos o quanto acho bonito os cabelos cacheados.

A pesquisa teve continuidade em 2015 na sala do Berçário 2. Os bebês acompanhados passaram pela transição de mudança de sala, pois ficaram mais velhos, e em sua antiga sala ingressaram novos bebês. Conforme indiquei antes, prossegui então com entrevistas com a nova professora e suas auxiliares.

Os diálogos mais presentes na fala da diretora dizem respeito à sua religião católica, (menciono a religião, pois ela condiciona a visão da gestora sobre a educação e os temas foram abordados em sala e a alguns assuntos pertinentes ao cotidiano da creche). Os pais são moradores da comunidade e têm como principal característica o fato de terem sido mãe e pai ainda na adolescência. A minha abordagem aos pais ocorreu por meio da ajuda da gestora, que me ajudou a explicar que eu era pesquisadora da UERJ e gostaria de saber a visão dos responsáveis sobre racismo, cabelo crespo e a importância da educação infantil na vida de seus filhos. Alguns responsáveis ficaram desconfiados com a proposta, com um certo receio do que iam falar, mas conforme as entrevistas iam acontecendo individualmente eles

passaram a se sentir mais à vontade. As mães e avós consentiram em dar entrevista, os pais que vinham buscar alegavam ter pressa ou não ter opinião sobre o assunto e respondiam: “Quando minha esposa ou filha vier buscar, elas te respondem.” Na totalidade havia apenas quatro pais que buscavam as crianças e esse contato com eles era bem raro, pois os vi poucas vezes, realizando essa atividade.

O acompanhamento da turma me permitiu conhecer o perfil dos responsáveis. Pude observar em relação à cor que a maioria das mães e avós é negra, muito jovem ainda estuda e precisa da assessoria das respectivas avós das crianças para buscar e levar os filhos à creche. Segundo a professora da turma, são poucas as mães que não atentam para o cuidado com as vestimentas e higiene das crianças. Outro fator importante que aparece nas falas da regente está relacionado à boa aparência dos alunos, aos cuidados com o corpo e com os cabelos. Desse modo, trago para a pesquisa a entrevista com os responsáveis pelas crianças observadas, abordando os olhares sobre infância, corpo e cabelos por meio da visão dos pais.

Durante as entrevistas, percebi que parte das mães se sentia prestigiada por ser ouvida a respeito de suas opiniões sobre a educação das relações raciais na creche. É preciso ressaltar que as entrevistas aconteceram na sala de leitura da creche, onde os responsáveis e os profissionais da educação foram ouvidos individualmente e em dias diferentes. A diretora da instituição expressou sua opinião sobre minha investigação e a importância disso para a educação infantil.

A mãe de uma menina negra observada falou da importância da educação infantil para o desenvolvimento da criança: “A educação infantil é uma base, né, para o futuro da criança, eu acho assim. Nós, pais, educamos em casa, mas na escola dá mais aquele traquejo pra criança se desenvolver, falar melhor, se associar com as outras crianças.” (Inês, mãe de Nilza).

Esse olhar mostra como a educação recebida na creche é prezada como forma de desenvolvimento e interação. Ou seja, a educação e o cuidado recebidos são vistos como porta de entrada para a aprendizagem. Além disso, a creche é também um espaço para a criança pequena desenvolver sua autonomia e liberdade, pois todo o seu espaço foi pensando para atender as necessidades da infância. No contexto dessa reflexão, trouxe na entrevista perguntas sobre a importância da cor da pele e dos cabelos crespos.

Acho que no mundo todo [é importante] porque há muita desigualdade. Às vezes você entra num lugar com um torso no cabelo que eu gosto de usar, as pessoas te olham diferente, aí já parte pro lado da religião, acham que aquele torso que você está usando é por causa da sua religião, e não é. É o *look* que a pessoa quer usar, é o jeito. Eu, por exemplo, não gosto de alisar o cabelo, gosto do meu cabelo assim do

jeito que ele é, mas tem gente que vê essa diferença por causa da nossa cor. (Inês, mãe).

A cultura negra, as raízes históricas, culturais e religiosas do povo negro foram inferiorizadas pelo branco. Na construção do Brasil, o negro e seus elementos de pertencimento estiveram à margem da sociedade. O preconceito contra os adereços que representam a África se constitui como uma das formas de menosprezar o outro. É notório que a colonização não se deu de uma forma pacífica, ou seja, ocorreram movimentos de resistência ao longo de nossa história. A colonização dos corpos no Brasil ratificou na população a ideia de que o cabelo crespo não é bonito, e que o seu uso tem um significado negativo, associado à feiura, a um grupo considerado inferior. As normas estéticas também se contrapõem à religião, pois como Inês ressaltou, ela sofre com os olhares que ligam o seu torso nos cabelos à religião afro-brasileira e à cor da pele. Como em nossa sociedade ainda há preconceitos relativos à religião, o cabelo enfeitado pelo torso é olhado como algo que ostenta os elementos da religião de matriz africana.

O cabelo crespo é o mais difícil de cuidar, ele é crespo, na realidade lá na raiz ele é fino, então se você usar qualquer tipo de creme ele vai ficar aquele cabelo revoltado. Por exemplo, o meu cabelo é durão mesmo, eu uso cremes pra dar uma textura melhor, é caro mas deixa com uma textura boa, minhas filhas todas elas têm o cabelo cacheadinho, mas eu procuro cuidar igual. (Inês, mãe).

A mulher negra ainda convive com o sentimento de rejeição ao cabelo crespo, um problema que já nasce na infância, no âmbito familiar, pois ele surge nas conversas domésticas, nas falas de nossas mães, irmãs, avós que vivenciaram e ainda vivenciam a ideia de que bonito é o cabelo liso. Em bell hooks³⁹ (2005) encontramos esses relatos, histórias da lida com o cabelo, dos rituais com o pente quente, técnicas de manipulação do cabelo utilizadas em nome de uma aparência embranquecida e livre de apontamentos. A experiência de ser negro e alisar os cabelos localiza-se por meio das reflexões de hooks (2005) e ganha sentido dentro do contexto brasileiro, em que o embranquecimento é difundido nos espaços sociais.

O próximo depoimento foi o de Carminda, que tem 45 anos e é cozinheira. Ela disse não ter tido a possibilidade de terminar o ensino médio. Através de sua função, os netos são criados e sustentados. Como ela afirma: “A educação infantil é importante, é bom. A educação a gente começa em casa e termina na escola. Porque se criança não for bem educada em casa, ela não vai ser bem educada na escola. E até agora minha neta tá se desenvolvendo

³⁹ A autora utiliza o pseudônimo bell hooks escrito em letras minúsculas.

muito bem.” Na perspectiva de Carminda, a educação infantil é um importante meio de aprendizado. Ela considera também que esse aprendizado age em conjunto com a família, ou seja, a criança leva para a creche a educação, os conhecimentos recebidos em casa, evidenciando como a instituição familiar e seus valores são partes vitais da construção identitária.

A cor da pele não tem importância, não sou racista. Pra mim tanto faz branco, preto, azul, moreno, porque tenho uma neta morena e a outra loira. Lá em casa os cabelos são diferentes, são loiros, morenos, pretos, duros, lisos, cacheados. Aí não vejo diferença nisso. (Carminda, avó de Daniel).

É sem preconceito, né? Eu não tenho preconceito à cor de pele nenhuma, pra mim é tudo a mesma coisa (Anita, mãe de Áurea).

O corpo representa valores históricos, pois expressa o encontro cultural do negro com sua ancestralidade. A diversidade brasileira está presente na composição familiar da avó entrevistada, que retrata, através de sua fala, o quadro plural da população brasileira. O racismo no Brasil é velado e sutil, herdamos a ideia de que vivemos em uma democracia racial e que, portanto, negros, brancos e indígenas convivem em harmonia. As marcas dessa difusão ainda vigoram em nossa sociedade e podem ser observadas em grande parte das falas. As mães e avós, assim como grande parte da população brasileira, consideram a existência do preconceito, mas, no entanto, não se consideram racistas. A fala de Sandra, a seguir, reflete o que ainda ocorre no dia a dia do negro, no cotidiano escolar, nas mídias, nos discursos. A cor da pele motiva olhares, tratamentos diferenciados, invisibilidade, o que, em sua visão já está demarcado como algo difícil de tirar do mundo, pois “infelizmente é o mundo que a gente vive”. A sua voz, ao ser ouvida, refletida, reafirma o quanto precisamos desconstruir as ideologias racistas:

Tem racismo no Brasil e muito. A gente ainda vê muito preconceito nas pessoas que é negra. A gente ainda vê muito racismo, infelizmente. Às vezes na rua o jeito dos outros tratar, às vezes também, né, tem o racismo pela pessoa ser de outro jeito. As pessoas de hoje em dia não é assim como a gente queria que fosse, mas infelizmente é o mundo que a gente vive e a gente tem que ir levando aos poucos. (Sandra, mãe de Daniel).

A correção do estigma que o negro carrega também vai ao encontro da superação da ideia de que todos são tratados com igualdade, independentemente de ser negro ou branco no Brasil. Nessa tarefa, devemos caminhar em busca de novos rumos onde a escola e a sociedade se tornem constituintes de um cenário que insuffle a valorização da diversidade.

Estamos no século XXI, já passou já esse negócio de preconceito, já acabou isso. (Bianca, mãe de Ângelo).

A base de tudo é a educação infantil. Espero que na creche ele receba cuidados que a gente tem como mãe. Assim, cuidar dele, cuidar da alimentação dele, ajudar um pouquinho na educação. (Marta, mãe de Paulo).

Essa fala mostra como as entrevistadas elegeram a educação na creche como forma de proporcionar aos seus filhos e netos uma educação de qualidade, que propicie autonomia à criança, cuidados e o seu desenvolvimento. A creche, portanto, foi apontada como um espaço de possibilidades para a criança pequena. É nesse sentido que devemos nos atentar para a importância de se promover um ambiente onde as crianças e os bebês recebam uma educação que valorize a sua identidade, despertando sua sensibilidade para a diversidade que a cerca. A educação e o cuidado da criança negra que frequenta a creche devem ser estabelecidos mediante a preocupação com o desenvolvimento de práticas reflexivas sobre atos, ações, o movimento do corpo, o abraço, as palavras. Isso porque a infância percebe, ouve e sente. Sendo assim, esses são os principais elementos de ligação entre os profissionais da educação e os bebês e devem ser pensados enquanto meios de se cuidar/educar para as relações étnico-raciais.

É muito importante a educação infantil. As crianças aprendem muita coisa, porque o mundo que a gente tá vivendo as crianças tão rebeldes, mal educadas. A gente nem pode tá falando muito. Eu acho muito importante, eu não tive isso que minha neta tem. Os estudos de hoje estão bem mais avançados, não existia nada disso. (Eduarda, avó de Elaine).

É importante sim, ainda mais eu que tenho três filhos. Um já tá no terceiro ano, mas eu já tenho esse e tenho mais uma que tá na educação infantil. Assim, e na escola não é adequada a criança porque a criança não toma banho. Pra mim, a educação infantil é muito importante, ainda mais pra mim que trabalho e preciso muito. (Sandra, mãe de Daniel).

A educação infantil foi levantada por todas as entrevistadas como uma importante base para a aprendizagem da criança. A ela também cabe, na visão de mães e avós, um cuidado maternal, em que a criança deve ser tratada como é em casa pela mãe. A palavra maternal foi atribuída por mim à educação, em relação ao que os pais esperam que as crianças recebam na creche. A maioria diz que gostaria que os filhos fossem cuidados com o mesmo afeto com que são cuidados em casa.

Aprende mais as coisas. Como eu trabalho não consigo acompanhar ela, ter tempo pra ela, por isso é melhor, né? Na creche as crianças aprendem as coisas. (Benedita, mãe de Eliane).

Ele aprende muitas coisas. Ele era esperto só que aqui ele ficou mais esperto ainda. (Jucélia, mãe de Rita).

É tudo de importante, aqui na creche ela aprende a ser independente. A irmã dela é totalmente diferente dela porque não teve na creche. Ela não, ela se alimenta direitinho. (Ferdinanda, avó de Áurea).

Devo salientar que o cuidado e a educação recebidos na creche são oriundos de muitas lutas dos movimentos sociais em prol de uma educação infantil desvinculada do viés assistencialista. A infância assumiu, assim, a visibilidade pública, o que culminou em políticas voltadas para a educação infantil e o atendimento qualitativo da criança pequena. Durante a entrevista, perguntei sobre a existência do racismo no Brasil, a importância da cor da pele em nossa sociedade e, nesse momento, a maioria das pessoas disse que havia preconceito no Brasil, mas que elas eram isentas de ser preconceituosas. Porém, quando perguntadas sobre o cabelo mais fácil e o cabelo mais difícil de cuidar, grande parte das mães e avós apontou o cabelo crespo como difícil, duro, complicado e trabalhoso. Esses discursos remetem a como é ambíguo e conflituoso abordar a questão racial e trazer à tona os elementos corpóreos que demarcam o nosso pertencimento. Mesmo as responsáveis negras insistiam em afirmar a beleza e a praticidade de ter cabelos lisos.

Não. Acho o racismo como uma ignorância, a cor da pele não tem importância, porque todos nós somos iguais e vamos pro mesmo lugar, né? (Marta, mãe de Paulo).

Melhorou muito o racismo. Eu tenho uma filha de cor, então eu acho que isso aí, o racismo, entendeu, Deus fez todos iguais, eu penso assim, não tem diferença de branco e preto. Eu sou contra esse racismo. Minha filha caçula é escurinha. A mãe dessa daí é branca. Eu sou parda, no meu registro tá parda e pra mim passou de branco é preto. (Eduarda, avó Eliane).

No Brasil, o racismo produziu desigualdades em relação à saúde, educação, moradia, bens fundamentais que foram negados aos negros. Nesse cenário, o sujeito constrói sua identidade em meio à existência de uma questão racial. O negro cresce tendo como padrão o branco europeu, assistindo sua própria cultura, religião e estética sendo validadas como inferiores. Fanon (1968), ao descrever os efeitos psíquicos produzidos pelo racismo no negro, observa que o colonialismo diluiu o racismo, oprimindo o outro e dizimando sua cultura, origem e religião. As relações raciais foram envolvidas em violência psíquica que forjou domínios capazes de debilitar o sentimento de pertencimento do sujeito. A cultura foi fragmentada e desvinculada de sua condição de cultura para se tornar exotismo.

Desse modo, são criados estereótipos que lançam representações negativas sobre o sujeito. O colonialismo propiciou a criação de estruturas sociais que posteriormente produziram os racismos. A emocionalidade do negro, portanto, é atingida pela violência racista. A ideia de branquitude é internalizada; o mundo branco o coisifica e destrói de forma impiedosa a sua identidade enquanto negro. O corpo é agredido, açoitado simbolicamente pela construção social, que arraigou no imaginário a inferiorização do negro. O corpo negro é detentor de histórias, sinais de sua ancestralidade e de lutas históricas. Assumir-se como negro é algo que passa pelo corpo, pela estética que é um movimento de resistência e descolonização. A complexidade em torno do corpo e da visão produzida pelo europeu frente à imagem africana lançou no homem negro o desejo de embranquecer. Esse processo, segundo Fanon (1968), configura-se em adotar o padrão para ser aceito e ter a sua humanidade reconhecida. No processo de convivência com o mundo branco, o negro está sujeito à imposição de valores desse mundo. O colono busca fornecer ao negro a condição de besta e de simples fornecedor de matérias-primas, cristalizando a ideia de que os colonizados estão no mundo para se submeter ao branco. O corpo negro, dentro dos apontamentos de Fanon, está imerso na violência racista que introjeta sentimentos de rejeição e inferioridade. Na esfera psíquica, são internalizadas as amarras dos discursos ideológicos sobre o negro, o seu papel social e o significado dentro da sociedade. A visão dissolvida pelo colonizador o insere na subalternidade que cria traumas, linguagens, histórias, imagens fundadas em meio ao racismo. A dominação psíquica promove no negro o sentimento de inferioridade. Ele é desqualificado e tem suas potencialidades invisibilizadas pelos mecanismos da dominação.

A partir das observações de Fanon (1968) é possível estabelecer um paralelo com as práticas racistas presentes nas sociedades atuais. O negro precocemente convive com os apontamentos sobre sua aparência e cresce aprendendo a achar bonitas as características brancas em oposição às suas. A cor da pele e a textura do cabelo são destacadas na primeira infância como algo que precisa ser modificado para ser aceito. O cabelo crespo é enfatizado como despenteado, relacionado ao desmazelo. A manipulação do cabelo e demais traços do corpo são culturais. Os adornos e trançados são marcas identitárias. A relação do homem e da mulher com o cabelo, nas diferentes culturas carrega histórias, heranças e memórias. Assim, cabelo e corpo são manipulados para responder às imposições do branco. A prática de apontar o cabelo do negro como ruim, duro e feio é condicionada pelo processo de colonização das mentes. A experiência do negro com o racismo, a opressão, a miséria é ocasionada pelo sistema de dominação racial que busca reduzir a condição humana do negro por meio da hegemonia branca.

Da minha parte não tem preconceito, mas tem preconceito sim. (Jucélia, mãe de Rita).

Não tem nenhuma importância, somos todos seres humanos e filhos de Deus. Existe muito racismo, com certeza, tem preconceito de tudo. Tem preconceito de gorda, de tudo, eu acho que tem muito preconceito. (Ferdinanda, avó Áurea).

Ao direcionar a entrevista para a questão do racismo, deparei-me com a palavra “ignorância”. A responsável pelo bebê Áurea ressaltou que racistas são pessoas ignorantes, que desconhecem sobre o assunto e, por isso, desvalorizam o outro, o que destaca uma realidade em que ser negro é sinônimo de inferioridade, algo que merece ser negado, escondido e apontado para não nascer esquecido (indicativo de que há opiniões divergentes entre os entrevistados). Aponta-se o negro, sua cor, seus cabelos nas falas, olhares, comentários nos quais o racismo está imbricado como condutor das relações raciais. O corpo negro como preservação da cultura, abrigo de lutas, resistência política e estética, representa valores históricos, pois expressa o encontro cultural do negro com sua ancestralidade. A avó de um bebê negro ressaltou por vezes na entrevista que sua filha caçula era de “cor”, era “escurinha”, e que sua outra filha, mãe de sua neta matriculada na creche, tinha a cor da pele branca. A responsável pela criança também era negra, mas diante de tons de pele mais escuros a criança era percebida como branca pelos familiares. O sistema de cor é relacional, ou seja, definimos a cor de acordo com a relação que estabelecemos com o outro. Desse modo, tanto o discurso sobre a cor da pele quanto sobre a textura do cabelo pode ser relacional.

Tendo em vista que a identidade negra é estigmatizada no Brasil, alguns negros buscam fugir dela e dos sinais corpóreos que indicam o seu pertencimento. Alisar o cabelo pode ser uma forma de escapar de um contexto em que cor da pele e cabelo são visibilizados como marcas negativas.

Não sei. Como eu tenho o cabelo encaracolado, eu acho que o mais fácil deve ser o liso, por que o encaracolado dá trabalho. (Marta, mãe de Paulo).

A rejeição aos traços negros pode atravessar gerações, pois mães, filhas e netas são criadas dentro de um leque de incertezas, no qual a beleza, a inteligência e a formosura não são coisas de negro, mas podem ser para negros, desde que eles “embranqueçam a alma”, alisem os cabelos ao transferirem os valores de uma estética não negra aos seus descendentes. A violência racista do branco impõe ao negro a internalização de que o seu corpo precisa embranquecer. É pelo corpo que se coisifica o sujeito, por meio do enclausuramento que o tornou submisso ao branco, como afirma Fanon (2008, p. 186):

Tente constantemente revelar ao negro, que de certo modo, ele aceita ser enquadrado; submete-se ao branco, que é ao mesmo tempo, mistificador e mistificado. O negro em determinados momentos fica enclausurado no próprio corpo, “ora para um ser que adquiriu a consciência de si e do seu corpo, chegou a dialética do sujeito e do objeto, o corpo não é mais a causa da estrutura da consciência, tornou-se o objeto da consciência”.

O branco é mistificado por si e pelo negro, a sua imagem é associada à potência, ao belo, às qualidades. E ao falar em beleza, esta é incorporada dentro dos adjetivos que dão ao europeu a humanidade em detrimento da desumanidade do negro como forma do colonizador desumanizar, extirpar a alma. Nesse universo, é apregoada a desvalorização dos traços negroides que há em nós; a experiência de ser negro, ter cabelos crespos é forjada dentro de uma sociedade referenciada pelo eurocentrismo e suas amarras racistas. Nutre-se o negro dos símbolos dos brancos, que podam sua ancestralidade. É assim que nos fazem negros, ao nos lembrarem da escravidão, ao nos tratarem como um corpo para a servidão.

O cabelo mais fácil de cuidar é o liso porque o crespinho é meio difícil. A minha netinha não deixa pentear o cabelo dela, tem que passar muito creme pra ficar bonitinho, passar alisante, alguma coisa. O cabelo mais bonito é o cacheado porque o cabelo da minha netinha não é muito bonito, não. Sabe, é aquele cabelo que dá trabalho pra pentear. (Eduarda, avó de Eliane).

Mais falas sobre o cabelo:

Todos pra mim é a mesma coisa. Cabelo... (Benedita, mãe de Eliane).

O cabelo mais fácil é o liso, igual ao meu, eu acordo às vezes nem penteio. Se fosse enroladinho eu já teria que molhar, teria que fazer todo um processo. Mas os dois dão trabalho do mesmo jeito, e o mais prático é o liso. (Jucélia, mãe de Rita).

O mais difícil é o cabelo enrolado, o cabelo duro, né? Porque é duro né, aí é difícil de cuidar. (Ferdinanda, avó de Áurea).

As técnicas de manipulação utilizadas no cabelo crespo são símbolos de identidade, resistência e ancestralidade, pois remetem às raízes históricas do negro africano e brasileiro. No processo de valorização da diversidade étnica, os usos do cabelo são referências de identidade, memória e resistência. No contexto brasileiro, há representações sociais construídas em torno do cabelo crespo da mulher negra, os apontamentos e discriminações sofridas em decorrência do cabelo crespo. A avó de um dos bebês remete-se a algo construído socialmente sobre o cabelo do negro, imerso dentro de um movimento em que ocupa o lugar do desprestígio quando se fala de beleza estética. Como entende hooks (2005, p. 6):

Quando os estudantes leem sobre raça e beleza física, várias mulheres negras descrevem fases da infância em que estavam atormentadas e obcecadas com a ideia

de ter cabelos lisos, já que estavam tão associadas à ideia de serem desejadas e amadas. Poucas mulheres receberam apoio de suas famílias, amigos(as) e parceiros(as) amorosos(as) quando decidiam não alisar mais o cabelo. E temos várias histórias para contar sobre os conselhos recebidos de todo o mundo, até mesmo as pessoas completamente estranhas, que se sentem gabaritadas para atestar que parecemos mais bonitas se “arrumamos” (alisamos) o cabelo.

Nas palavras da autora, é possível encontrar com clareza o sentimento que circula dentro do universo das mulheres negras, vistas pela sociedade como desprovidas de beleza, de um cabelo arrumado. Por essa razão, a entrevistada menciona em sua fala o alisamento como forma de mudar a textura e apagar a representação conflitiva que o cabelo crespo promove dentro das relações raciais no Brasil. É interessante observar que o cabelo crespo é sempre classificado como trabalhoso, difícil de cuidar. Há, porém, nessas falas ideologias raciais que se sustentam por meio da difusão de ideias que negativizam o negro e suas origens.

O cabelo mais fácil é o liso. Pra desembaraçar, pentear. E o mais complicado é o crespo. (Bianca, mãe de Ângelo).

O cabelo mais difícil é o crespo, pra poder desembaraçar tem que botar creme, embola, mas no caso o mais fácil é o liso. (Amanda, avó de Dora).

O mais fácil é o cabelo liso, passou uma escova tá penteado. Igual eu tenho duas filhas, uma tem o cabelo liso e a outra cacheado e é mais difícil de pentear e assim o cabelo mais bonito é o cacheado. (Sandra, mãe de Daniel).

No Brasil, ao falar de cabelos, sempre ouvimos que o cabelo mais “difícil” é o crespo e o mais fácil é o “liso”. Observamos a constância desse pensamento apregoadado em cada mãe, em cada avó que sofreu por ter o corpo negro, o cabelo crespo. A dor, o sofrimento foi naturalizado, sendo motivo de rejeição à imagem associada à pessoa negra. Fomos construídos dentro de um processo debilitante, em que as raízes deviam ser apagadas, combatidas. As colocações mais presentes dessas mulheres estão pautadas nesse passado que ainda se vê, se ouve, se sente. A maioria das responsáveis diz que o Brasil tem racismo, mas que elas não são racistas e dentro desse pensamento muitas apostam no cabelo liso como forma de ter praticidade no cotidiano. Os pais têm uma concepção atravessada pela ideia de que o cabelo crespo é mais difícil de lidar. Uma das responsáveis, Ferdinanda (avó de Áurea), afirmou que o cabelo de sua neta (que foi classificada como escurinho pela própria avó), não era um cabelo bonito. Já Inês (mãe de Nilza) é exemplo de alguém que se orgulha do cabelo crespo.

4.3 Flores de todas as cores: a cor da gente importa?

Na presente pesquisa, opero com a categoria de cor “negro” que seria a soma de pessoas que se autodeclaram “pardas” e “pretas” dentro da autoidentificação do IBGE. Quando refiro-me à pessoa negra como pertencente a um grupo étnico-racial em minhas reflexões, reporto-me à origem, aos laços, à cultura, à religião que constroem a identidade social do indivíduo a partir da ideia de “pertencimento” a uma origem em comum.

Dentro desse viés, uso o termo raça dentro da dimensão política e identitária construída no cenário brasileiro onde os sinais que indicam ligação às características físicas africanas são motivos de discriminação e manutenção e desigualdades. O uso do termo “raça” foi apropriado pelo movimento negro com uma nova significação, isenta da ideia raças inferiores e superiores, usados pela ciência do século XIX, que culminaram nas teses de embranquecimento da população. O seu uso se faz necessário em decorrência de existir em nossa sociedade o racismo relativo ao passado histórico dos africanos e as suas marcas estéticas. Entendo que esse o modelo de relações raciais calca-se na discriminação e acúmulo de desvantagens dos sujeitos que possuem a cor da pele mais escura, sendo a raça usada comumente para hierarquizar, classificar, destacar diferenças e subordinar a população negra. Cabe salientar que raça, como construção política e ideológica, confere no atual cenário, perspectivas de vida e mobilidade social diferenciadas para brancos e negros.

Ao tratar da questão da autoclassificação de raça/cor dos funcionários entrevistados, deparei-me com respostas fluidas e tentativas constantes de “fuga da cor”. Por isso, analisarei nesta pesquisa os casos em que a cor da pele foi autodeclarada com incerteza. Primeiramente, para romper com o silêncio que marca a identidade negra, utilizo os estudos de Oracy Nogueira sobre o “preconceito de marca e o preconceito de origem”, termo utilizado pelo autor para retratar as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos: “No Brasil, o preconceito seria predominante ‘de marca’ por oposição a um preconceito que seria predominante de origem, como nos Estados Unidos da América.” (NOGUEIRA, 1985 apud TEIXEIRA; BELTRÃO; SUGAHARA, 2013, p. 102). Os autores que citam Nogueira sugerem que a categoria cor/raça realizada em pesquisas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) demonstrou que a marca é importante ao se falar dos outros. Já para falar de si são usados critérios de origem. No caso brasileiro, as marcas fenotípicas que indicam o passado racial são vistas como atributos negativos, ou seja, quanto mais a pessoa se aproxima de uma estética negra mais preconceito ela sofre. Nesse sentido, a cor e as marcas

físicas dentro da construção ideológica do racismo são naturalizadas dentro da nossa sociedade como símbolos de inferioridade.

Teixeira, Beltrão e Sugahara (2013), constataam em “Além do preconceito de marca e origem: a motivação política como critério emergente para a classificação racial”, que no Brasil existe consenso entre os pesquisadores, de que o preconceito seria predominante de marca, por oposição a um preconceito predominante de origem, como nos Estados Unidos.

Percebe-se que a identidade racial da pessoa no Brasil é orientada pela cor de sua pele e no caso dos funcionários entrevistados, são utilizados também os critérios de acionamento da origem familiar. O sistema de cor varia do claro para o escuro; assim, a autoclassificação dá-se através da comparação entre as nuances de cores da pele. Esse processo de comparação foi exposto durante as entrevistas com os profissionais da creche, pois a cor do outro que mantinha proximidade era comparada para a definição de sua própria cor. Ao falar sobre suas percepções em relação à cor/raça, notei por vezes uma certeza em relação à classificação ou dúvidas. A exatidão sobre a cor da pele dava-se quando as auxiliares se remetiam à origem familiar e lembravam que tinham pessoas de cor mais escura na família ou quando eram mais claras do que os demais presentes no ambiente escolar.

Para muitos negros, a cor da pele em decorrência do racismo no Brasil representa um incômodo, faz nascerem dúvidas, pois quanto mais se é escuro mais se sofre com as barreiras impostas pelo preconceito racial. Nesse contexto, os movimentos sociais aparecem como um importante mecanismo na valorização dos negros.

Nas entrevistas com os profissionais que cuidam/educam os bebês verifiquei que o mito da democracia racial tem vivacidade no imaginário do senso comum. Ao mesmo tempo em que a auxiliar Angélica afirmou ser morena⁴⁰ por ter um tom de pele mais claro, também declarou que a questão do preconceito de cor melhorou no Brasil. Mas a questão é: se “melhorou”, por que se declarar “morena” em vez de negra? E por que ser visto como negro ofende, dói e é malvisto se na sociedade atual o racismo é tido como algo superado por muitos dos entrevistados? A resposta vem do próprio cotidiano, das barreiras sociais que o negro enfrenta dentro de uma sociedade hierarquizada e estruturada pelo racismo.

Encontrei a mesma fluidez das respostas na fala da professora Maria, que ora se diz negra, ora se diz branca, pois se compara com a mãe que é reconhecidamente negra na família por ter a pele escura. O casamento inter-racial mudou a cor da família da professora, mudou a

⁴⁰ Adotei o sistema de classificação dual na pesquisa, porém o entrevistado foi oportunizado a utilizar o sistema de classificação popular, no contínuo do claro até o escuro.

sua própria cor, reinventando sua identidade, pois ser mais clara permitiu uma passagem de seu meio para ser vista como branca.

A desconexão com a identidade negra e com os cabelos crespos foi difundida no discurso de Karina, que se declarou como branca e detentora de cabelos crespos volumosos que não combinam com a sua aparência. O seus traços foram definidos como delicados, o que a levou a utilizar química nos cabelos para disciplinar o volume. O comportamento da profissional é muito comum no Brasil, pois muitas mulheres buscam apagar os traços negroides via intervenção química, alisamentos e relaxamentos. O fato de a entrevistada ter a cor de pele clara a fazia ser apontada no seu cotidiano como uma mulher branca, o que proporcionava o fortalecimento de sua passagem para outro destino. A cor clara possibilita ainda mais o “*passing*” e a manipulação do cabelo auxiliam na passagem para outra categoria de cor. No Brasil a aparência próxima a da europeia é vista como sinônimo de beleza.

Dessa maneira, alimenta-se o desejo, a tentativa de ocultar a origem étnico-racial. Ao fugir de sua identidade, há um rompimento da liga que une uma mesma origem, uma mesma cultura. Para Seyferth (1995, p. 63), “no Brasil os critérios de classificação associados à raça podem assumir caráter de estigma e servir para discriminar racialmente.” Nesse caso, negar a origem é preservar-se da ideia de uma identidade negativa associada à origem africana. Ainda dentro desse debate, notei que as pessoas ditas como não negras se sentem confortáveis com o corpo embranquecido e, ao mesmo tempo, se veem com a autoridade de localizar “os negros de fato” ao seu redor.

A escola é um espaço social que concentra a diversidade, mas ser diferente fenotípica e culturalmente do outro com quem convivemos ainda é visto/tratado como símbolo de inferioridade racial. Por isso, tais depoimentos ajudam a pensar sobre a produção da identidade negra. Com base na fluidez dos depoimentos sobre cor, percebi o quanto somos norteados por ideias de embranquecimento. Na mesma linha de raciocínio, foi possível ver como são reproduzidas as ideologias raciais no contexto educacional, visto que a complexidade de ser negro no Brasil atravessa a esfera econômica, social e psicológica, manifestando-se na família, na escola, na mídia. A identidade do negro é produzida pela noção do senso comum sobre o que é ser negro, noção esta que agrega o racismo como suporte para manter os negros apartados por uma linha de exclusão. Hoje, ainda vemos o reflexo da cor, dos traços como os cabelos crespos dentro das relações raciais, o que me remete a pensar na importância da desconstrução da visão estereotipada sobre o negro através de uma educação antirracista que faça uma varredura nos mitos, nas ideologias racistas, nas frases dolorosas, nos olhares críticos. A descolonização das mentes é um “fanonianismo”

necessário. Neste capítulo, busquei deixar claro a importância que os responsáveis atribuem à educação infantil e, portanto, ao professor como profissional habilitado a possibilitar aprendizagens para seus filhos e netos. O que reforça cada vez mais a ideia do docente como figura fundamental em uma educação antirracista, que viabilize a erradicação do racismo dentro do ambiente da creche.

No capítulo seguinte, por meio de uma etnografia desenvolvida na creche municipal Céu Azul, procurarei demonstrar as primeiras experiências da criança negra com os seus cabelos crespos na creche, por meio do cuidado das educadoras e auxiliares.